

Morte no zoológico humano

Ninguém sabe os motivos da maioria dos homicídios por uma razão muito simples: em menos da metade dos casos a polícia consegue identificar o autor e provar sua culpa

Guaracy Mingardi
10 de março de 2021

EDUARDO ANIZELLI/FOLHAPRESS



Policial Militar em frente de imobiliária em que o proprietário, de 61 anos, foi assassinado, no bairro de Pinheiros, em São Paulo (SP)

O secretário de Segurança do Espírito Santo, coronel PM Alexandre Ramalho, fez uma declaração em uma entrevista recente que pode surpreender os indivíduos que nunca estudaram questões criminais. Segundo ele, muitos dos homicídios em seu estado são praticados por pessoas próximas às vítimas, que moram na mesma casa ou nas proximidades. Esse fato pode até surpreender alguns, principalmente pessoas de classe média ou alta, que têm pavor de assaltos e temem que suas vidas sejam tiradas por um ladrão durante um roubo.

Claro que essa é uma possibilidade sempre presente, principalmente quando o delito é cometido por um criminoso pouco profissionalizado. Os verdadeiros profissionais do crime sabem que um simples roubo tem pequena chance de ser realmente investigado, enquanto um latrocínio, roubo seguido de morte, sempre provoca pelo menos a instauração de um inquérito policial. Portanto a chance de ser pego quando mata uma vítima de roubo é bem maior do que quando rouba e desaparece na noite.

Por não conhecerem esse fato, muitos cidadãos, olhando os absurdos números de mortos no país, imaginam que a maioria das vítimas foi assassinada durante um roubo. O que a experiência policial mostra, contudo, é que normalmente o crime é praticado por alguém próximo à vítima, por motivos pessoais ou em razão de negócios. Prova dessa assertiva é que uma fração muito baixa das Mortes Violentas Intencionais, em qualquer local do Brasil e na maior parte do mundo, ocorrem durante um assalto. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, em 2019, os latrocínios representaram apenas 3,3% do conjunto de Mortes Violentas Intencionais.

Como demonstram as pesquisas, a maioria dos matadores reside perto de seu alvo, muitas vezes sendo vizinho ou dividindo o mesmo imóvel. Mata seu parente, amigo, conhecido, rival, sócio, companheiro de bar, etc. Por conta disso, a investigação sempre começa pelo histórico da vítima. Quem ela é, o que faz, com quem convive, pessoas com que discutiu nos últimos dias, casos amorosos, e por aí afora.

A fala do secretário, porém, teve um erro comum a boa parte dos policiais. Ele assumiu que apenas cerca de 20% dos homicídios, aqueles praticados com arma branca ou similar, são desse tipo. Os outros 80% seriam, na maioria dos casos, motivados por questões ligadas ao tráfico. Na verdade, ninguém sabe exatamente os motivos da maioria dos homicídios no país. Por uma razão muito simples: em menos da metade dos casos a polícia consegue identificar o autor e provar sua culpa. E mesmo os inquéritos que demonstram por A B quem foi o assassino, nem sempre identificam os motivos do crime. Existem estados em que a taxa de resolução é menor que 10%, o que faz com que, na média, nem 20% dos homicidas cheguem a julgamento.

Na década de 1990, quando o número de homicídios em São Paulo era perto de três vezes maior que o atual, coordenei uma pesquisa para a Secretaria de Segurança, na qual foram analisados milhares de boletins de ocorrência e centenas de inquéritos de homicídios, ocorridos no sul da capital paulista. E, para minha surpresa, ficou demonstrado que os casos relacionados ao tráfico de drogas correspondiam a menos de 20% do total de homicídios. As brigas de bar, muito comuns na periferia, tinham um peso mais ou menos igual, por exemplo. Elas eram tão numerosas que os policiais do Departamento de Homicídios, para quem a morte violenta fazia e faz parte do cotidiano, tinham uma teoria zoológica para explicá-las. Eles diziam que alguns indivíduos quando bebem são como macacos, brincam com tudo, riem demais e provocam os outros. Já outros frequentadores dos bares da periferia eram como leões, mais nervosos e metidos a valentes. E no meio da bebedeira um desses leões se irritava com alguma brincadeira e matava o colega de copo.

Outro motivo que aparecia muito era a briga entre criminosos, não por conta do tráfico, mas porque o morto tinha dado um “banho” no colega. Ou seja, na partilha do saque, tinha ficado com parte do que devia ter entregado ao cúmplice. Isso provocava uma briga que, muitas vezes, levava à morte de um deles. Outro caso comum eram os assassinatos devido a rixas, mas que não se resolviam na hora, no meio de uma discussão. Um desentendimento, por vezes banal, fazia com que um dos imbricados buscasse uma arma e emboscasse o adversário.

Além desses exemplos existiam, e continuam a existir, inúmeros motivos para que um ser humano tire a vida de outro. Principalmente quando está de posse de uma arma de fogo. Mesmo quando o revólver ou a pistola não estão disponíveis no auge da fúria. Vários casos de briga de bar, por exemplo, ocorreram horas ou mesmo dias após a discussão original. O matador espera colocar as mãos em uma arma antes de dar o bote. E quando mata, é com inúmeros tiros, para descarregar a raiva acumulada.

São raras as vezes em que a morte é praticada com as mãos, ou seja, por arma branca ou objeto contundente. [Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, em 2019, apenas 19,3% das mortes violentas intencionais foram praticadas](#) por arma branca. Normalmente, é preciso de duas coisas para que ocorra um homicídio: uma arma de fogo e muita raiva acumulada. Sobre a raiva, o estado não pode ter controle, mas sobre as armas, sim. Então, quanto menos delas tivermos em circulação, melhor. Infelizmente, temos muita gente, inclusive alguns policiais, defendendo que todo “cidadão de bem” deveria portar uma arma. O problema é que todos são cidadãos de bem até cometerem o primeiro crime.

Guaracy Mingardi

Cientista político, mestre pela Unicamp e doutor em Ciência Política pela USP. É membro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

<https://www.fontesegura.org.br/multiplas-vozes/9rfa88jva4>

